

FERNÃO DE MAGALHÃES

O HOMEM QUE
SE TRANSFORMOU
EM PLANETA

TEXTO LUIS ALMEIDA MARTINS
ILUSTRAÇÃO ANTÓNIO JORGE GONÇALVES



OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO

Cara ou Coroa?
Pequena História da Moeda

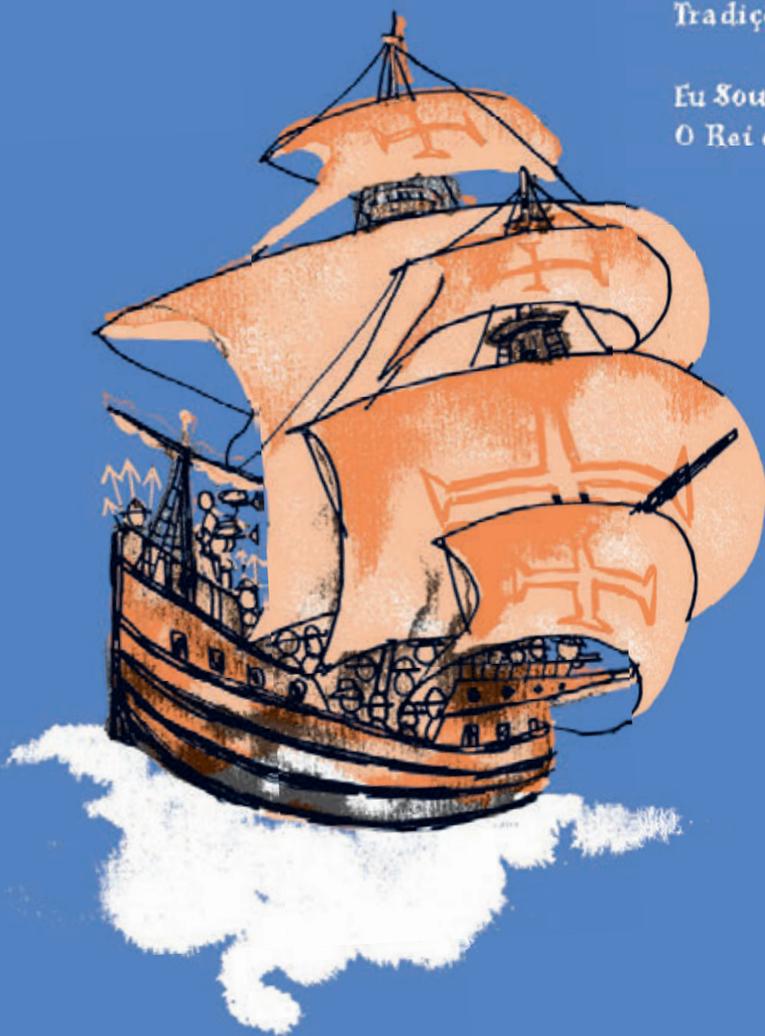
Sou o Lince-Ibérico
O Felino mais Ameaçado do Mundo

Princesas de Portugal,
Rainhas da Europa

Rainha dos Ares
A Águia-Imperial-Ibérica

Caretos e Coretos
Tradições Populares em Portugal

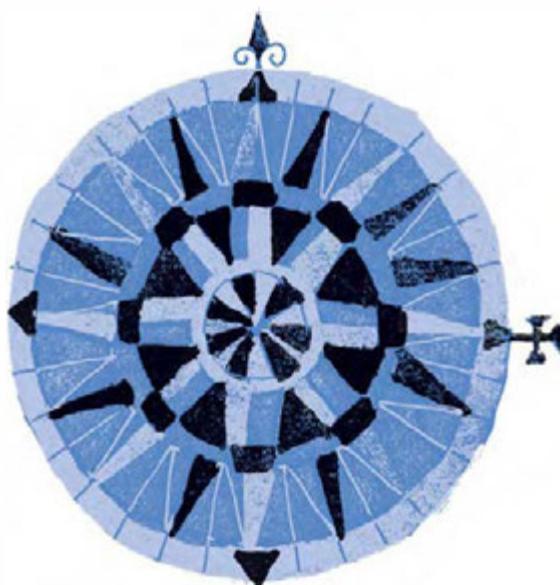
Eu Sou Lobo
O Rei da Floresta Portuguesa



FERNÃO DE MAGALHÃES

O HOMEM QUE SE TRANSFORMOU EM PLANETA

TEXTO LUIS ALMEIDA MARTINS
ILUSTRAÇÃO ANTÓNIO JORGE GONÇALVES



A minha profissão é escrever. Desta vez, pediram-me que escrevesse a história de Fernão de Magalhães. Antes de começar a bater no teclado, fui buscar uns livros e sentei-me a lê-los. Eram sobre o homem que partiu no comando da expedição que, há 500 anos, deu a primeira volta ao mundo. Quando estava cansado de ler sobre Fernão de Magalhães, jogava um jogo de computador sobre Fernão de Magalhães. De vez em quando cabeceava de sono. Na terceira noite, quando estava — acho — a passar pelas brasas, entrou-me na sala, a coxear, um homem baixote, muito sério, de espessa barba negra, vestido de escuro e com um chapéu pequeno enterrado na cabeça. — Ei! — exclamei eu, sobressaltado. — Quem é o senhor?! — Como se Vossa Senhoria não soubesse... — respondeu-me o estranho visitante, com o que me pareceu ser uma pronúncia antiquada e fazendo uma ligeira vénia. — Fernão de Magalhães, para o servir.

Não consegui esconder a minha comoção. Acabava de conhecer pessoalmente o português mais famoso de todos os tempos. Tão famoso, tão famoso, que o seu nome foi dado a uma uma galáxia, a uma sonda espacial, a um sistema de GPS, a um modelo de computador, a uma grande cratera de Marte, a um estreito entre dois oceanos, a uma baía, a navios e a aviões da realidade e da ficção, a... Exatamente aquele navegador que era o herói da história que eu tinha de escrever.

E se, em vez de ler toda aquela livralhada, escutasse o que ele próprio tinha para me dizer — se é que estava disposto a falar?

Felizmente, estava. Falava até muito, num tom pausado, mas sem esconder uma certa revolta.

Vou, pois, ceder-lhe a palavra.





Fiquei famoso por ter feito uma coisa que não fiz. Na verdade, não fui a primeira pessoa a dar a volta ao mundo, nem nunca pensei em fazê-lo. Saiba Vossa Senhoria que comandi a expedição mais aventureira de todos os tempos, é verdade, mas não tenho grande orgulho nisso. Sinto-me vaidoso, mas ao mesmo tempo triste, porque viajei ao serviço de um rei estrangeiro e agi contra os interesses do meu país.

Suspirou. Via-se que era um homem amargurado. Para o animar, disse-lhe que pensava dar o título O Homem que se Transformou em Planeta ao livro que estava a escrever sobre ele. E que não se preocupasse, pois agora a sua fama era universal e, mesmo no nosso país, ninguém tirava valor ao seu feito. Fernão de Magalhães ouviu tudo sem me interromper e depois continuou a falar.

Mas não foi bem assim como diz no título do seu livro. Na minha história não entram lindas fadas com varinhas de condão nem feiticeiros capazes de transformar umas coisas noutras. Só que, lá que existe aqui um prodígio qualquer, isso é verdade, pois, nem eu sei bem como, tornei-me uma das figuras mais importantes da história da humanidade. É espantoso que, sem ser essa a minha ideia, o meu nome tenha ficado associado à totalidade — e, sobretudo, à esfericidade — do nosso planeta. Bem, e se aqui estou a falar com Vossa Senhoria (dá licença que me sente?) é graças a essa fama. Ao tornar-me protagonista de jogos de computador, adquirir um número interminável de vidas, e isso permite-me conhecer o que se passou depois da minha morte verdadeira. É bom. Facilita as coisas.

Sugeri-lhe que começasse pelo princípio da sua vida verdadeira, para ver se a gente se entendia.

Para começar então pelo princípio, informo Vossa Senhoria de que nasci por volta de 1480, nem eu sei já bem em que ano, na região do Porto.



TERRA REDONDA

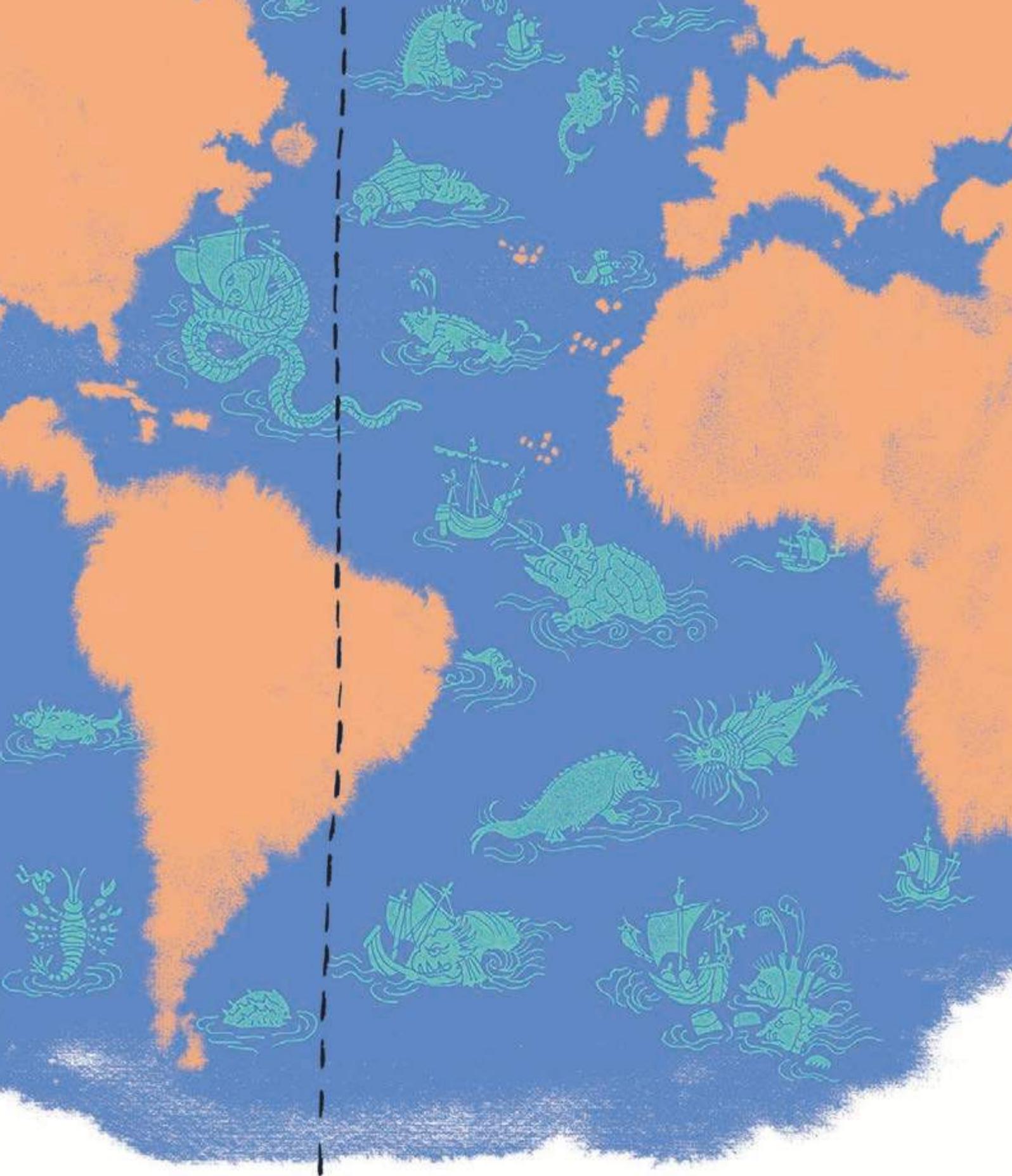
Quando Fernão de Magalhães comandou a sua expedição já se sabia há muito tempo que a Terra é redonda. O primeiro sábio a afirmá-lo foi o filósofo e matemático grego Pitágoras, logo no século VI antes de Cristo. Aristóteles e Platão também divulgaram essa ideia. Isso não impediu que, durante séculos, as pessoas que não eram cultas continuassem a julgar que ela era plana.



Durante muito tempo fui visto em Portugal como um traidor, pois, há exatamente quinhentos anos, comandeï, contra os interesses nacionais, a mais famosa expedição marítima de todos os tempos. Mas tudo na vida se pode explicar, não é verdade? E eu tive um motivo bastante forte para tomar uma decisão tão radical.

Suspirou de novo e prosseguiu.







É que, naqueles finais do século xv e inícios do século xvi, quando eu vivi a minha vida propriamente dita, Portugal e Espanha eram os grandes rivais, para não dizer inimigos, na corrida pela construção de um império global. Quer isto dizer que, à semelhança dos Estados Unidos ou da Rússia do tempo de Vossa Senhoria, os dois países da Península Ibérica competiam entre si na tentativa de se apoderarem de uma coisa a que os economistas e os historiadores chamam «fontes de matérias-primas».

Fontes que não deitam água (interrompi eu a rir). Atualmente jorram petróleo. No seu tempo «jorravam» especiarias...

Depois, deixei-o continuar.

Em 1494, quando eu era um rapazola de 14 anos e servia como pajem na Corte da senhora D. Leonor, esposa de D. João II, ouvi falar de uma coisa que me interessou muito. Representantes de Portugal e de Espanha, as duas «superpotências imperialistas» do Ocidente, reuniram-se na pequena cidade espanhola de Tordesilhas e assinaram um tratado que dividia o mundo em duas metades. Os negociadores, levando-se a si próprios muito a sério, traçaram no mapa um meridiano, com uma pena de ganso molhada em tinta preta. As terras a encontrar para oeste dessa linha pertenceriam a Espanha e as que fossem achadas a leste seriam de Portugal. Ouvi dizer mais tarde que o rei Francisco I, de França, não achou graça nenhuma a isso e pediu que lhe mostrassem «o testamento de Adão»... Como sabemos, Adão vem referido na Bíblia como tendo sido o primeiro homem que existiu. Então, o rei francês, a brincar mas ao mesmo tempo a falar a sério, achou que só alguém que tivesse sido o dono de todas as terras do mundo poderia dizer quem seriam os seus herdeiros... Mas a verdade é que a França, embora fosse um país muito importante na Europa, não se preocupava muito com a exploração dos mares desconhecidos, que se julgava serem povoados por monstros.

TRATADO DE TORDESILHAS

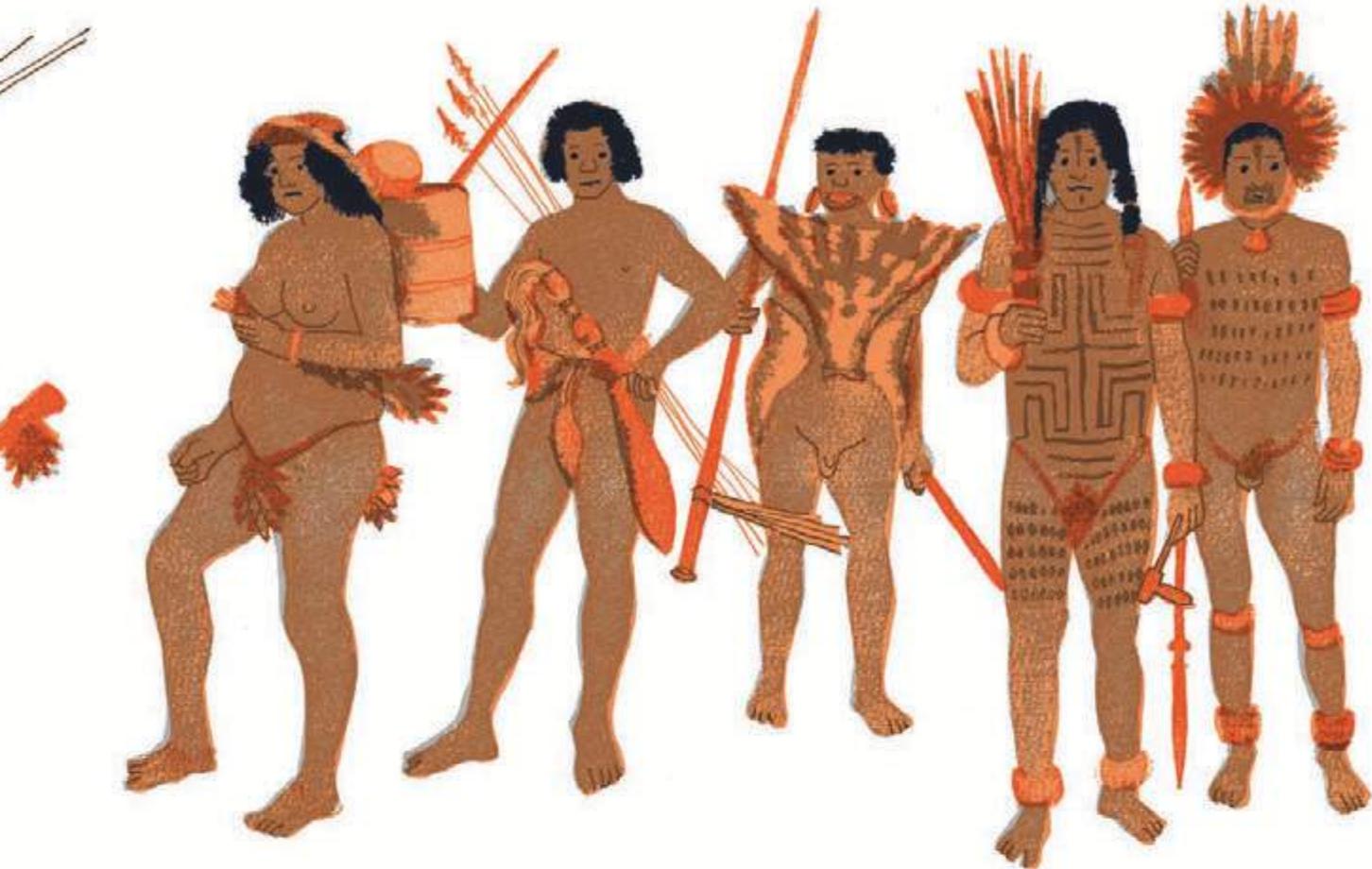
Em 1494, Portugal e Espanha assinaram, na cidade castelhana de Tordesilhas e com a arbitragem do Papa, um tratado que repartia pelos dois países as terras «descobertas e por descobrir». Foi então traçado um meridiano que passava a 370 léguas a oeste de Cabo Verde. As terras que fossem achadas a oriente dessa linha seriam de Portugal e as que se encontrassem a ocidente seriam de Espanha. Claro que os reis dos outros países não acharam graça nenhuma...



Não foram só os outros reinos europeus que ficaram «esquecidos» no Tratado de Tordesilhas. É claro que ninguém se lembrou de perguntar aos muitos e variados povos que habitavam fora da Europa se estavam de acordo com o negócio, mas naquele tempo as coisas — lembro-me bem — eram feitas dessa forma. E penso que ainda hoje, no tempo de Vossa Senhoria, nada mudou de forma significativa, ainda que possa parecer que sim.

Concordei com ele.

A ideia de partir o globo ao meio tinha sido de Espanha, que receava que viessem a escapar-lhe das mãos as terras há pouco descobertas por Cristóvão Colombo no continente americano e nas ilhas das suas imediações. Colombo não era espanhol, mas sim um italiano natural de Génova. Veio para Portugal por volta de 1476, casou com uma portuguesa (por sinal, também de ascendência italiana), teve por cá um filho, viajou em navios nossos na exploração da costa africana e, um dia, perdeu a timidez, se é que alguma vez a teve, o que é improvável.



Com o seu sotaque italianado, apresentou-se então ao rei D. João II e, gesticulando muito, sugeriu-lhe que o nomeasse comandante de uma expedição destinada a alcançar a Índia navegando rumo a oeste. Ora, como os portugueses estavam quase a alcançar a Índia pela rota do Oriente, D. João II mandou-o ir ver se estava a chover lá fora. Financiar uma expedição dessas seria deitar dinheiro à rua, ou melhor, à água. Colombo ficou muito aborrecido e decidiu, em alternativa, ir oferecer os seus serviços aos reis de Espanha, que eram o casal formado por Isabel de Castela e Fernando de Aragão, conhecidos como os *Reis Católicos*. A resposta espanhola começou por ser também um rotundo «no», mas por fim o obstinado do Colombo lá obteve os navios que pretendia, bem como uma série de regalias e de títulos a que se achava com direito, se encontrasse as tão desejadas Índias antes dos portugueses. C'os diabos, durante a minha vida pensaria muitas vezes nele...

Ficou calado durante um minuto, ou mais, certamente a comparar-se a si próprio com Colombo. Decidi não interromper os seus pensamentos. Finalmente, recuperou o pio.



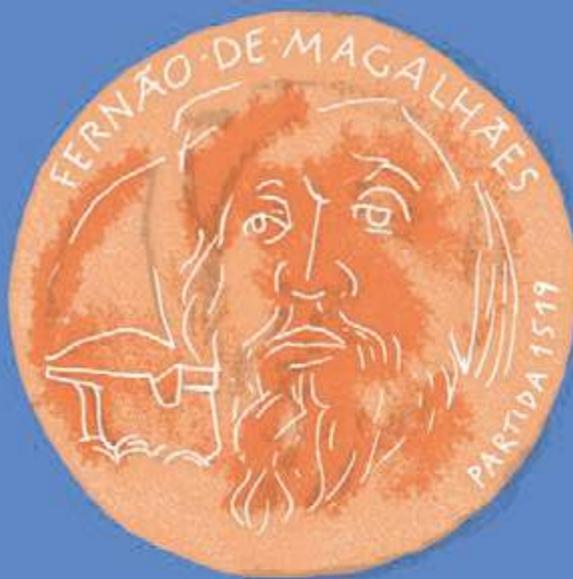
CRISTÓVÃO COLOMBO

Nascido em Itália, este célebre navegador, consagrado como o «descobridor» da América, viveu muito tempo em Portugal e casou com uma portuguesa. Pediu a D. João II que lhe desse navios para tentar chegar à Índia navegando para oeste, mas o rei recusou. Foi então oferecer-se aos reis de Espanha, que concordaram. Quando chegou ao «Novo Mundo», julgou que estava na Índia, e por isso chamou «índios» aos habitantes.



Queriamos chegar às Índias porque era de lá que vinham as tais especiarias — a pimenta, a canela, a noz-moscada — vendidas na Europa a preços altíssimos. Transportadas em bossas de camelo por sucessivos intermediários, iam subindo de preço à medida que mudavam de mãos e faziam enriquecer de forma simples e rápida os mercadores que nelas negociavam. Tão desejadas como é hoje o petróleo, as especiarias estão na origem de guerras, conquistas, assassinios, enfim, dos crimes mais diversos que se possa imaginar. Quando os Portugueses do tempo do espartíssimo senhor Infante D. Henrique tinham começado a explorar a costa africana, na primeira metade do século xv, ainda não era nas especiarias orientais que estavam a pensar, mas sim no ouro africano, no marfim e nos escravos.

1



2



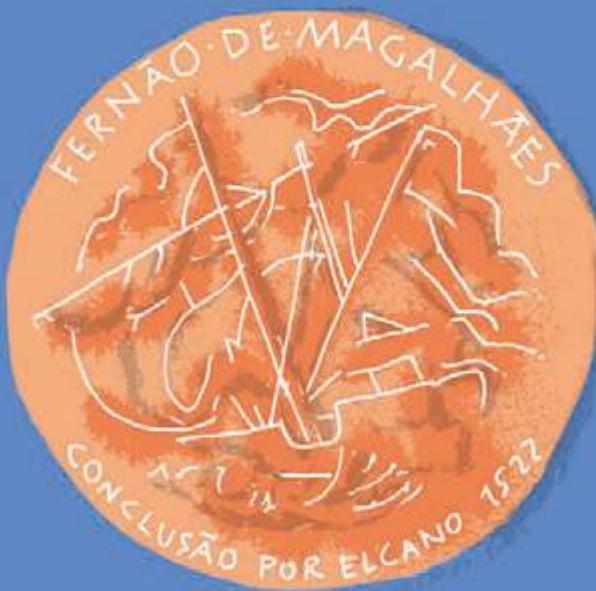
Redondas como o mundo

Para assinalar os 500 anos da primeira viagem de circum-navegação, a Casa da Moeda decidiu emitir, entre 2019 e 2022, uma série de moedas comemorativas, da autoria do artista plástico Luís Filipe Abreu.

3



4



1. As primeiras a saírem, em 2019, relativas ao meio milénio da partida da expedição, foram uma de 2 € e outra de 7,5 €. Apresentam no anverso (parte da frente) o rosto de Magalhães e no reverso (parte de trás) uma nau.

2. A de 2020, referente à navegação no Atlântico e ao Estreito de Magalhães, tem o valor facial de 7,5 € e apresenta no anverso um casal de pinguins-de-magalhães, característicos da zona meridional da América do Sul.

3. Em 2021 sairá a moeda de 7,5 € evocativa da morte do grande navegador, em combate na ilha de Mactán, nas Filipinas.

4. Por fim, em 2022, será emitida a moeda comemorativa da conclusão da viagem, igualmente com o valor facial de 7,5 €. No reverso vê-se a esfera armilar, um modelo representativo do universo que no século XVI foi adotado como insígnia pelo rei português D. Manuel I e que hoje pertence à bandeira nacional.

ANTÍPODAS

São as regiões que ficam precisamente do lado oposto do mundo. Os antípodas de Portugal são as ilhas da Nova Zelândia, no Oceano Pacífico.

ATOL

É uma daquelas ilhas em forma de anel, com uma lagoa no centro, que existem em regiões tropicais dos oceanos Pacífico e Índico. Os anéis são constituídos por corais e outros invertebrados e formam-se normalmente em volta de ilhas vulcânicas. As ilhas vão-se afundando, mas as estruturas coralíferas permanecem e até aumentam de tamanho.

CIRCUM-NAVEGAÇÃO

Circum-navegar a Terra é navegar em torno dela, dando uma volta completa. A expedição de Fernão de Magalhães foi a primeira viagem de circum-navegação do nosso planeta.

COLÓNIAS ULTRAMARINAS

Eram terras conquistadas, ocupadas e colonizadas por povos europeus noutros continentes. O Brasil foi, entre 1500 e 1822, a maior das colónias portuguesas. Portugal possuiu colónias em África até 1975, as mais importantes das quais eram Angola e Moçambique. Normalmente, os povos dessas terras revoltam-se contra os colonizadores e acabam por obter a independência.

CRISTIANISMO

É a religião mais seguida na Europa, e no Ocidente em geral, nos últimos dois mil anos. Chama-se assim porque obedece aos

ensinamentos de Jesus Cristo, que os cristãos consideram ser filho de Deus e salvador da Humanidade. Mas existem várias correntes, ou igrejas, cristãs: a Católica, com sede em Roma e chefiada pelo Papa; a Ortodoxa, mais praticada na Europa Oriental; e o Protestantismo, do Norte do continente, nascido do movimento da Reforma, no século XVI.

ECLESIASTICO

Diz-se de alguma coisa relativa à Igreja. Pode afirmar-se que um padre é um eclesiástico. Porque? Porque, em latim, «igreja» diz-se *ecclesia*, palavra esta que já derivava de uma outra grega, bastante parecida, e que significa «assembleia», ou «reunião». Antes de serem edifícios, igrejas são, pois, reuniões dos que seguem a religião cristã.

ESFERICIDADE

Trata-se da qualidade de tudo o que tem a forma de uma esfera. A esfericidade da Terra é, pois, a primeira característica da sua forma. E não só do nosso planeta, mas também de todos os outros que conhecemos.

EXPEDIÇÕES

São viagens, marítimas ou terrestres, de exploração ou de conquista de novas terras. Mas, na verdade, o verbo «expedir» é sinónimo de «enviar», ou seja, mandar alguma coisa para outro local.

HEMISFÉRIOS

São metades de uma esfera — se cortares ao meio uma bola sólida obténs dois hemisférios. Aplicando

a ideia à Terra, dá-se este nome às duas metades Norte e Sul divididas pela linha do Equador ou a quaisquer duas metades separadas por dois meridianos contíguos obtidas no sentido Leste-Oeste.

MERIDIANO

Imagina uma laranja com os respetivos gomos. Os gomos estão separados uns dos outros por linhas semicirculares. Agora faz de conta que a Terra também tinha gomos e aplica-lhe a mesma ideia. Cada uma das linhas semicirculares, com 20 mil quilómetros de comprimento, que unem o Polo Norte ao Polo Sul é um meridiano. E cada meridiano tem a sua continuação natural do outro lado do planeta. Daí que as personagens desta história verdadeira quisessem saber por onde passava, do outro lado, o meridiano de Tordesilhas.

ODISSEIA

Usa-se esta palavra como sinónimo de «grande aventura». Mas no início era o título de um livro. Esse livro era um longo poema, supostamente escrito por um grego chamado Homero há mais de 27 séculos, que conta as aventuras do herói Ulisses (em grego, Odisseu) durante o seu regresso à pátria, depois de ter combatido na Guerra de Troia. Sim, a expedição de Fernão de Magalhães foi uma autêntica odisseia!

PLANISFÉRIO DE CANTINO

Na Casa da Índia, em Lisboa, havia um mapa-mundo (ou planisfério) secreto onde os portugueses do século XVI

assinavam as terras aonde iam chegando. O italiano Alberto Cantino, espião ao serviço do duque de Ferrara, conseguiu obter às escondidas uma cópia desse mapa. É a esse exemplar, ainda hoje conservado em Itália, que se chama Planisfério de Cantino.

SALOBRA

Rigorosamente, uma coisa diz-se salobra quando tem um certo sabor a sal. Mas a palavra é usada num sentido mais alargado, e é sobretudo aplicada a água quando esta tem dissolvidas substâncias que lhe conferem um sabor desagradável. A água transportada em barris nas naus ficava salobra ao fim de um certo tempo. Era portanto necessário, sempre que possível, fazer aguada — encostar a terra e encher os barris com água fresca.

SUBCONTINENTE INDOSTÂNICO

É a Índia. Chama-se-lhe subcontinente porque está assente numa placa tectónica própria, independente do resto da Ásia, e que só mais tarde se uniu a esse continente. Quanto a «indostânico», refere-se a Indostão, que é a região do norte da Índia onde normalmente residem os poderosos governantes que, ao longo dos séculos, têm mandado nas outras zonas.

SULTÃO

Vem mesmo a propósito. Dá-se este título aos governantes das monarquias islâmicas, quer dizer, dos países onde se pratica a religião muçulmana e que não são repúblicas.

FERNÃO DE MAGALHÃES — O Homem que se Transformou em Planeta
Edição: ©Imprensa Nacional e Museu Casa da Moeda

Texto: ©Luís Almeida Martins | Ilustrações: ©António Jorge Gonçalves
Design e direção de arte: Pato Lógico | Paginação: Pato Lógico
Revisão: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Impressão e acabamentos: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

1.ª edição em outubro de 2019 | ISBN: 978-972-27-2801-0

Depósito legal: 459339/19 | N.º de edição: 1023469

INCM

Imprensa Nacional é a marca editorial da Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Este livro foi composto em caracteres Core Sans e impresso em papel Arcoprint Milk 120 g (miolo), Arcoprint Milk 300 g (capa) e Arcoprint Milk 120 g (sobrecapa)

Esta é a história do português mais famoso de sempre. Com o nome de Magalhães foram batizadas duas galáxias, uma sonda espacial da NASA que viajou até Vénus, uma cratera de Marte, um estreito entre dois oceanos, um sistema de GPS pioneiro, um modelo de computador, uma baía e um tipo de pinguins — já para não falar de muitos lugares e navios da realidade e da ficção! Porquê tão grande celebridade? Porque, faz agora 500 anos, Fernão de Magalhães planeou e comandou a expedição mais «louca» de todos os tempos: a que deu, pela primeira vez, a volta ao mundo. Essa viagem, que foi um misto de aventura, de ficção-científica e de história de terror, veio provar que a Terra é mesmo redonda e que pode ser circum-navegada, pois os mares estão todos ligados uns aos outros. Para assinalar um aniversário tão importante, a Imprensa Nacional-Casa da Moeda lança quatro moedas comemorativas. E também este livro, para mergulhares nele à procura de grandes emoções.